


# **O corpo na era da inteligência artificial já era?**

## **Reflexões acerca do estatuto do corpo enquanto ato político**

**Is the body in the age of artificial intelligence it's over?**

**Reflections on the status of the body as a political act**

 10.21680/1983-2109.2024v31n65ID35133

**Mônica Parreiras**

(UNISINOS)

monicaparreiras@gmail.com

**Resumo:** A inteligência artificial (IA)<sup>1</sup> tem se tornado cada vez mais importante na indústria moderna, trazendo consigo benefícios e inovações capazes de transformar a maneira como o trabalho é executado. Sendo assim, este artigo tem o objetivo de elucidar alguns tipos de IA e sua aplicabilidade no cotidiano da vida moderna. Ademais, intenciona-se abordar os apelos da personalização de conteúdos que capturam e algoritmizam o indivíduo, de modo a ensejar os desafios éticos implicados em seu avanço. E, por fim, ambiciona-se tencionar a relação entre os benefícios do avanço tecnológico frente a questão concernente à autonomia e liberdade

---

<sup>1</sup> Sigla utilizada para referir-se à inteligência artificial e que será mencionada ao longo do artigo com fins de abreviação dos termos.

do corpo próprio na acepção merleau-pontyana, trazendo o corpo para condição de sujeito e, com isso, rompendo com a tradição cartesiana dualista. Tal tensionamento visa mostrar a importância de atribuir ao corpo-sujeito, a capacidade de fazer ato e, dessa forma, se constituir enquanto um corpo político, sendo a base para ações inteligentes e cautelosas até mesmo na função de operar as máquinas que sem ele sequer podem ser acionadas.

**Palavras-chave:** Corpo; Inteligência Artificial; Ética; Ato Político; Merleau-Ponty.

**Abstract:** Artificial intelligence (AI) has become increasingly important in modern industry, bringing with it benefits and innovations capable of transforming the way work is performed. Therefore, this article aims to elucidate some types of AI and their applicability in everyday modern life. Furthermore, the intention is to address the appeals of personalizing content that captures and algorithmizes the individual, in order to give rise to the ethical challenges involved in its advancement. And, finally, the aim is to understand the relationship between the benefits of technological advancement in the face of the issue concerning the autonomy and freedom of one's own body in Merleau-Ponty's sense, bringing the body to the condition of a subject and, therefore, breaking with tradition dualistic Cartesian. This tension aims to show the importance of attributing to the body-subject the ability to perform an act and, in this way, constitute itself as a political body, being the basis for intelligent and cautious actions even in the function of operating machines that without it they can't even be activated.

**Keywords:** Body; Artificial intelligence; Ethic; Political Act; Merleau-Ponty.

## Introdução

A inteligência artificial (IA) tem se tornado uma parte cada vez mais importante da indústria moderna, trazendo consigo uma série de benefícios e inovações capazes de transformar a maneira como diversas atividades são realizadas. Entretanto, há de se ressaltar os perigos e ameaças relativos ao seu avanço desenfreado. Muitas são as dúvidas concernentes ao que essa nova geração de sistemas poderá vir a representar, bem como, da sua evolução. A presente contextualização traz algumas das muitas dúvidas e incertezas no que tange a IA e suas repercussões, tanto a nível individual, quanto na sociedade de um modo geral. São questões muito importantes apesar de o presente artigo não ter como meta assumir um posicionamento rígido de radical oposição ou de total favorecimento quanto ao uso e expansão da IA.

O objetivo principal está em abeirar o tensionamento entre o corpo aqui sob o enfoque merleau-pontyano, estruturado a partir do conceito de corpo próprio, na tentativa de comprovar a tese de que é impossível separar a IA desse corpo que conhece, para que dessa forma, possa escapar ao dualismo cartesiano que separa corpo e mente. Além disso, evidenciar o perigo dos excessos e radicalismos capazes de fazer da IA uma ferramenta tecnológica para anular o estatuto do corpo na sua condição de ato político, conforme será mais bem explicitado no quarto tópico do texto.

Assim, no decorrer do artigo, pretende-se delinear, de forma sucinta, alguns tipos de IA, sua aplicabilidade no sentido de apontar, de um lado, suas vantagens e, de outro, os riscos e perigos quando do seu uso inadequado e/ou excessivo. Feitas essas primeiras abordagens, como enfoque principal sobre o qual se assenta nossa tese, responder à questão primeira formulada a despeito do título que nos instigou a refletir sobre

a presente temática, a saber: o corpo na era da inteligência artificial já era? E, por fim, trazer à tona as reflexões pertinentes ao corpo na sua condição de corpo-sujeito sendo anulado pelo excesso e mau uso da IA impossibilitando, com isso, sua capacidade de fazer ato político, ou seja, se inserir no mundo enquanto ser autônomo e livre para assenhorar-se do seu desejo.

## **1. Alguns tipos de Inteligência Artificial (IA)**

Embora não seja o foco do artigo, é de fundamental importância discorrer minimamente sobre o conceito de IA, além de abordar de que maneira se dá sua participação na sociedade a partir de alguns tipos de IA. Dessa forma, pode-se definir a IA como o campo emergente da Ciência da Computação destinado a criar máquinas com capacidade para executar tarefas como perceber, identificar padrões, aprender, tomar decisões e resolver problemas, mas com a participação humana.

Quanto aos tipos de IA, geralmente é feita uma divisão com base em dois princípios, isto é: capacidade e classificação técnica, gerando sete denominações. No que diz respeito à capacidade, a classificação ocorre com a seguinte nomenclatura: 1. Máquinas reativas – estas não possuem funcionalidade embasada em memória e são as mais antigas; 2. Memória limitada – na qual o aprendizado se dá por meio de dados históricos; 3. Teoria da mente – ainda em andamento; 4. Autoconsciente – sua existência está como formulação hipotética e terá como objetivo compreender e evocar emoções, necessidades e crenças, além de desejos próprios.

Levando em consideração a capacidade técnica, tem-se a denominação a seguir: 1. Inteligência artificial estreita (ANI - Narrow Artificial Intelligence) – aqui se enquadra toda a IA existente na qual apenas uma tarefa específica pode ser

realizada; 2. Inteligência geral artificial (AGI - Artificial general intelligence) – definida como a capacidade geral da IA de aprender, perceber e compreender para funcionar da mesma forma que o ser humano; 3. Superinteligência artificial (ASI - Artificial Superintelligence) – com capacidade de reproduzir uma inteligência multifacetada, com maior memória, rapidez e tomada de decisão.

Com o intuito de tornar mais clara a aplicabilidade da IA abordada no tópico seguinte, opta-se por uma definição mais geral alicerçada em suas características listadas na sequência com a referida descrição:

### **1.1 Aprendizado de máquina**

Um dos principais ramos da inteligência artificial amplamente utilizado na indústria é o aprendizado de máquina. Por meio dele, há o desenvolvimento de algoritmos que servem para que as máquinas aprendam com dados e tenham um melhor desempenho em um menor tempo. Com isso, as máquinas podem automatizar tarefas mais complexas, detectando padrões e decidindo a partir dos dados fornecidos pelos algoritmos.

### **1.2 Processamento de linguagem natural**

É a área da inteligência artificial que trabalha para que as máquinas entendam e processem a linguagem humana de modo eficaz. Essa tecnologia permite interpretar e responder os comandos de voz, fazer traduções de idiomas automaticamente e até gerar texto de forma autônoma.

### **1.3 Visão computacional**

A inteligência artificial se utiliza da visão computacional para permitir que as máquinas “vejam” e interpretem imagens ou vídeos. Com os algoritmos avançados, as máquinas reconhecem objetos, pessoas e até mesmo emoções em imagens. Essa tecnologia tem ampla aplicação na indústria, incluindo a automação de processos de inspeção e controle de qualidade.

### **1.4 Robótica inteligente**

Na robótica inteligente há a combinação da inteligência artificial com a robótica com vistas a criar máquinas autônomas que interagem e realizam tarefas sem a necessidade de intervenção humana constante. Os robôs inteligentes podem ser programados para executar várias funções, desde tarefas industriais complexas, até assistência em atividades diárias. Essa área está em constante evolução e promete um futuro com robôs cada vez mais avançados.

## **2. Aplicabilidade da Inteligência Artificial (IA)**

Antes de adentrar na temática da aplicabilidade da IA, convém trazer à tona um dos pontos mais debatidos e preocupantes na atualidade, a saber, a questão ética que aparece refletida em interrogativas, tais como: É possível a IA ter alguma ética? Existem limites para a IA e quais são esses limites? A evolução da IA pode significar o fim da humanidade? A IA precisa de um corpo? É seguro utilizar a IA? O uso de IA em sala de aula pode limitar a capacidade criativa e cognitiva dos alunos? A IA pode causar dependência tecnológica? De que forma a IA pode contribuir para a fixação de padrões pré-estabelecidos que estão na base de problemas estruturais relacionados à raça, classe e gênero? A IA pode reforçar as

injustiças estruturais e, como consequência, as demais formas de injustiça oriundas da desigualdade social? De que maneira a IA pode impactar as relações humanas?

São questões a permanecerem sem resposta, pois o campo de aplicabilidade da IA é bastante amplo e tem se alastrado cada vez mais nos últimos anos. Os algoritmos gerados por IA são utilizados para filtrar e-mails, fazer reconhecimento de voz e imagem, detectar fraudes, dirigir carros autônomos, além de ser um importante instrumento para diagnósticos médicos, nas finanças e na pesquisa científica. Além disso, existem outras questões preocupantes e complexas a envolverem a aplicabilidade da IA, como por exemplo: a responsabilidade pelos erros, o deslocamento do trabalho do humano para a máquina, a privacidade dos dados, além de todos aqueles pontos levantados na introdução e que tangenciam a questão ética.

Entretanto, o ponto sobre o qual a aplicabilidade da IA mais nos interessa, diz respeito ao corpo, ou seja, aparece como ressonância na seguinte indagação: a IA precisa de um corpo? Essa questão divide opiniões entre os profissionais da área, mas muitos deles defendem a proposta de que é preciso colocar a IA dentro de corpos, sendo o desenvolvimento da inteligência humana o resultado da mistura entre os cérebros e os corpos.

A título de reflexão, é possível pensar em uma dessas tentativas que foi a criação do Moxie, um pequeno robô que faz uso do mesmo tipo de IA utilizado pelo ChatGPT. O objetivo dos criadores do Moxie ao oferecerem um corpo à IA, foi obterem rapidez e segurança na evolução do sistema.

O Moxie aparece descrito na edição de 11 de abril de 2023 no *The New York Times* como sendo do tamanho de uma criança, com a cabeça em forma de lágrima, mãos macias e olhos verdes. O corpo de plástico rígido contém um

processador de computador que executa o mesmo tipo de software que o ChatGPT. Seus fabricantes partem de uma start-up chamada Empowered, descrevendo o dispositivo como “o primeiro amigo robô de IA do mundo”. Ele foi criado em 2017 com vistas a ajudar crianças com o aprendizado social, emocional e cognitivo. Quando alguém fala com o Moxie, seu processador converte o som em texto, que alimenta o sistema interno de IA. Ademais, ele se expressa movendo os olhos para transmitir consolo e incentivo, além de conseguir sorrir. Tudo isso graças aos sensores que captam as pistas da linguagem corporal e, com isso, torna-se possível a imitação e o aprendizado daquele comportamento.

É por meio da pintura de Cézanne que Merleau-Ponty propõe problematizar a oposição entre percepção e pensamento, tecendo críticas à versão positivada da ciência que separa a sensação da percepção. Segundo o filósofo, faz-se necessária uma revisão do conceito de sensação, bem como, da sensação relacionada ao corpo e ao movimento. apresenta uma crítica ampla e rigorosa à compreensão positivista da percepção por meio da revisão do conceito de sensação, sua relação com o corpo e com o movimento. Sendo assim, cabe a reflexão quanto ao funcionamento do Moxie na interação com as crianças, pois se os seus sensores captam a linguagem corporal para posterior aprendizado comportamental, não estaria a criança a serviço do robô?

Merleau-Ponty em sua principal obra, Fenomenologia da Percepção (1945), sustenta sua teoria da percepção sob os pilares sociais, culturais, históricos e, principalmente, subjetivos incluindo as ambivalências afetivas. Dessa forma, é possível tomar a experiência afetiva enquanto uma experiência corporal integrada pelo sentir e pelo movimento. Nóbrega (2008) afirma: “Desaprendemos a conviver com a realidade corpórea, com a experiência dos sentidos, pois privilegiamos uma razão sem corpo. No entanto, a percepção,



compreendida como um acontecimento da existência, pode resgatar este saber corpóreo”.

Na Folha de São Paulo<sup>2</sup>, edição on-line de 21/03/2023, há uma transcrição traduzida do The New York Times e intitulada Qual a relação entre mente e corpo? Nessa reportagem, Oliver Whang faz referência a algumas analogias para retratar a relação mente e corpo, concluindo não ser possível uma metáfora para dar conta, pois não há como falar em distinção e sim em processo. Para ele, essa questão sempre foi atormentadora para os filósofos, ganhando um terreno cada vez mais fértil e, ao mesmo tempo, proporcionalmente mais preocupante. Ele complementa que alguns pesquisadores de IA duvidam ser viável o alcance tecnológico da verdadeira inteligência ou da real compreensão do mundo sem estar em um corpo capaz de sentir, perceber e reagir ao seu entorno. Segundo eles, é um grande equívoco falar em mentes inteligentes desencarnadas de um corpo.

Entretanto, existem controvérsias entre os pesquisadores e cientistas ligados à área tecnológica. Para o roboticista Boyuan Chen, da Universidade Duke, a mente humana é inextricável das ações e reações do corpo com o meio. Um exemplo a ser citado são os bebês que aprendem a pegar objetos mesmo antes de aprenderem a falar. De acordo com Paolo Pirjanian, que foi o criador do Moxie, o tempo é auxiliar no processo de interação com os humanos e, por isso, afirma: “É quase como uma comunicação sem fio entre humanos. Você literalmente começa a sentir isso em seu corpo”<sup>3</sup>. Para Joshua Bongard, da Universidade de Vermont, “o corpo, de uma forma muito simples, é a base para uma ação

---

<sup>2</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2023/04/a-inteligencia-pode-ser-separada-do-corpo.shtml>

<sup>3</sup> [É possível separar a inteligência do corpo? \(fatosdesconhecidos.com.br\)](https://www.fatosdesconhecidos.com.br/3-possivel-separar-a-inteligencia-do-corpo/)

inteligente e cautelosa. Até onde posso ver, este é o único caminho para uma IA segura”<sup>4</sup>.

O exemplo destacado por meio do Moxie, serve não apenas para mostrar a aplicabilidade positiva da IA, mas para reforçar o tensionamento entre a IA e o corpo. Mais precisamente, sobre a questão de se colocar a IA em um corpo, muito embora na perspectiva de um corpo físico e não na direção do corpo próprio, conforme desenvolvido no tópico seguinte. O ponto principal é a impossibilidade de emular a IA desconsiderando que o conhecimento tem como ponto de partida o corpo cognoscente.

### **3. Características que ainda não podem ser reproduzidas pela Inteligência Artificial (IA)**

Partindo do conceito de corpo próprio como virada teórica proposta por Merleau-Ponty para romper com o dualismo cartesiano que separa corpo e alma, pretende-se abordar algumas características que ainda não puderam ser reproduzidas na IA, a saber: espontaneidade, ética, intencionalidade e identidade.

#### **3.1 Espontaneidade**

A partir da própria história o ser humano cria outras histórias, experiências e conhecimentos. Por espontaneidade, entende-se aqui, tudo que possa ser desconectado dos automatismos, ou seja, uma capacidade para responder de forma natural, voluntária e sem interferências. A junção da capacidade imaginativa com a espontaneidade proporciona criações, sendo isso ainda não possível pela IA, pois ela não é capaz de realizar ações de maneira espontânea. Os cientistas

---

<sup>4</sup> [A inteligência pode ser separada do corpo? - Olhar Digital](#)

Miguel Aguilera e Manuel Bedia, da Universidade de Zaragoza, na Espanha, publicaram um artigo na Revista Nature com a conclusão quanto a possibilidade de se atingir uma inteligência capaz de gerar mecanismos para adaptar-se às circunstâncias. Algo similar à ação espontânea, mas considerado distante de ser um ato oriundo da vontade, uma vez que toda ação executada pela IA é projetada e programada por pessoas.

### **3.2 Ética**

As máquinas e a IA seguem parâmetros pré-estabelecidos implicando o cumprimento de regras claras e precisas. Esta característica recai na preocupação preponderante para filosofia no que tange a ética e a moral. Entendendo a ética como o conjunto de valores na composição do modo particular de ser e estar no mundo levando em consideração as relações com os outros e com o mundo. A sua importância principal reside no fato de poder estruturar ou desestruturar a moral, tomada aqui como o conjunto de regras para assegurar uma convivência harmoniosa em sociedade.

Sendo assim, cabe destacar que as máquinas e a IA, intrinsecamente, não possuem ética. O ser humano tem ao seu dispor um conjunto de leis e regras estabelecidas pela família, a religião, a escola e o Estado para saber como deve agir e o que respeitar. Tais dispositivos são assimilados e internalizados, passando à condição de serem parte da conduta dos sujeitos para viverem em sociedade. No caso das máquinas e da IA, as regras precisam ser inculcadas. Entretanto, a ética vai muito além de um sistema regulatório, pois ter ética significa saber discernir e transitar entre o bem e o mal, o certo e o errado. Quanto às máquinas e a IA, pode-se falar em eficácia, mas elas não são boas ou ruins, e simplesmente realizam aquilo para o qual foram programadas pelos

humanos. Estes sim podem ser imbuídos da ética. Mesmo sendo possível programar ética, é necessário reatualizar de acordo com as mudanças nos parâmetros que regem a conduta do humano. Um exemplo dessa programação é o ChatGPT atualmente configurado para não difundir conteúdos sensíveis a serem acessados via deep web<sup>5</sup>.

### 3.3 Intenção

Para Merleau-Ponty a intenção opera desde o movimento anônimo de um corpo no mundo e em uma dimensão anterior ao idealismo transcendental husserliano apoiado em um funcionamento da estrutura intencional que remete os objetos à consciência reflexiva em sua relação com o mundo. Assim, na Fenomenologia da Percepção (1945), o filósofo aborda o movimento intencional a partir do conceito de corpo próprio, ou seja, a intenção está no movimento do corpo. Seu maior desafio é fugir do subjetivismo e correlacionar o sujeito que percebe e o mundo percebido enquanto produto de uma intencionalidade. Por isso ele coloca:

O movimento do corpo só pode desempenhar um papel na percepção do mundo se ele pode próprio é uma intencionalidade original, uma maneira de se relacionar ao objeto distinta do conhecimento. É preciso que o mundo esteja, em torno de nós, não como um sistema de objetos dos quais fazemos a síntese, mas como um conjunto aberto de coisas em direção às quais nós nos projetamos. (Merleau-Ponty, 2018, p. 518)

Dessa forma, em se tratando da intenção, enquanto movimento do corpo próprio e não sendo a IA possuidora de

---

<sup>5</sup> O termo traduzido como “Rede Profunda” foi cunhado em 1994 por Jill Ellsworth e representa uma camada exponente da internet portadora, na maioria das vezes, de conteúdos não recuperáveis ou indexáveis pelos mecanismos de busca como o Google e o Bing.

um corpo, conseqüentemente, não há possibilidade de concebê-la como tendo intenção. Ademais, a intencionalidade pode ser pensada na relação com a ética e a moral, o que nos permitiria deduzir que se a IA não possui essas duas características abordadas anteriormente, também a ela é vedada a intenção. Caberia então ao profissional da área tecnológica a intenção permeada pela ética e a moral na programação da IA.

### **3.4 Identidade**

Na filosofia a identidade é um conceito crucial na busca por compreender a natureza e a essência do ser. Esse conceito envolve tanto a identidade. A identidade na filosofia abrange tanto a identidade pessoal ligada à individualidade de cada um, quanto a identidade pelo viés do coletivo e do pertencimento a um grupo social, cultural ou étnico. Com isso, vale a ressalva para o fato de que a identidade pressupõe uma consciência de características psicológicas, físicas, sociais e culturais. Ademais, no que tange a identidade pessoal, sua construção está alicerçada nas relações interpessoais e sob a influência de vários fatores tais como: família, sociedade, religião, cultura, entre outros. Significa dizer com isso, que a identidade é fluida e está em constante transformação, pois encontra-se sujeita às experiências positivas ou traumáticas a envolverem sensações e sentimentos. Tomando o conceito de identidade no aspecto da coletividade, significa ter a noção de um pertencimento enraizado em valores, costumes, crenças e tradições partilhadas por um grupo. A identidade coletiva desempenha um papel de extrema importância na formação da identidade pessoal, moldando as experiências e as referências de cada indivíduo.

Dessa forma, torna-se fundamental lembrar que a IA não tem emoções de forma espontânea como amar e sofrer. Isso

porque a IA não possui experiência e nem história, assim como opinião própria, além de não ser capaz de repensar suas ações, reformular suas intenções e, com isso, ir construindo uma identidade.

#### **4 Tensionamento entre Inteligência Artificial e Corpo Próprio (IA x CP)**

Tomando as características que até então não puderam ser implantadas na IA torna-se fundamental entendê-la como uma propriedade geral de sistemas, e não como um atributo específico dos seres humanos. Outro ponto a ser destacado diz respeito a dar um corpo à IA. Mas que corpo é esse? Será que a IA precisa de um invólucro material?

Questões tão controversas e merecedoras de muito estudo e cautela. A nós interessa delinear o corpo na sua dupla acepção, ou seja, o corpo objeto e o corpo fenomenal que resultarão no corpo-sujeito. O corpo como objeto talvez seja esse pleiteado para ser o revestimento da IA. Em sua definição do corpo como objeto, Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção* (1945), assim o apresenta:

A definição do objeto, nós o vimos, é a de que ele existe partes extra partes e que, por conseguinte, só admite entre suas partes ou entre si mesmo e os outros objetos relações exteriores e mecânicas, seja no sentido estrito de um movimento recebido e transmitido, seja no sentido amplo de uma relação de função a variável. Se se quisesse inserir o organismo no universo dos objetos e encerrar este universo através dele, seria preciso traduzir o funcionamento do corpo na linguagem do em si e descobrir, sob o comportamento, a dependência linear entre o estímulo e o receptor, entre o receptor e o Empfinder . (Merleau-Ponty, 2018, p. 111)

A partir dessa descrição do corpo objeto, é pertinente pensarmos o corpo requerido pela IA como sendo esse corpo

à similitude do corpo dado ao Moxie. Contudo, o corpo não pode ser definido apenas como esse envoltório que abriga a inteligência ou a razão. Ter um corpo é juntar-se ao meio, misturar-se com os projetos empenhando-se na sua realização. “...O corpo é o veículo do ser no mundo...”. (Merleau-Ponty, 2018, p. 122).

Os idealizadores do Moxie com suas “boas intenções”, creditaram ao corpo na evolução do robzinho em formato de lágrima, a viabilidade de evolução da IA na interação com o humano, em especial, com as crianças e, em contrapartida, as crianças teriam suas emoções autorreguladas. Mas de quem mesmo é a intenção?

A presente indagação nos faz retomar o debate sobre a intencionalidade recorrendo à filósofa britânica Elizabeth Anscombe no seu livro *Intenção* (1957). Sua tese reside no fato de que a intenção não pode ser restringida aos desejos ou estados psicológicos e sendo ela uma característica fundamental da ação, tem relação intrínseca com a responsabilidade moral. Sua formulação implica também na inviabilidade da separação entre intenção e ação. Para a filósofa, a ética deve se assentar na intenção que antecipa a ação e uma pessoa só pode ser moralmente responsável por suas ações, se houve a intenção de realizá-las. Mesmo não sendo nosso objetivo aprofundar nessas questões, pois não pertencem ao escopo desse artigo, não devemos nos furtar a pensar na valia dessa elaboração para reforçar a polêmica em torno da agência moral e da paciência moral no que tange à máquina.

Se considerarmos o Moxie como uma máquina portadora de IA, sua posição moral e seu status não podem ser limitados a uma disciplina ou método de investigação apenas. Entretanto, a nossa aposta segue com o tensionamento entre a IA e o corpo na perspectiva merleau-pontyana destituindo a IA da condição de ser autônoma no sentido de funcionar sem

o corpo próprio, isto é, sem esse corpo-sujeito que podemos atribuir ao conjunto de pessoas responsáveis pela idealização e criação tanto do corpo objeto oferecido à IA quanto pela programação mesma da IA.

Nas palavras de Merleau Ponty: “O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o, alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema”. (2018, p. 273). Em uma analogia e considerando a IA como o coração do corpo do Moxie, ainda assim, este não é o mesmo corpo do qual nos fala Merleau-Ponty na seguinte passagem:

[...] A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência. Foi a existência que encontramos no corpo aproximando-nos dele por uma primeira via de acesso, a da fisiologia. [...] (Merleau-Ponty, 2018, p. 131)

A concepção merleau-pontyana de corpo mostra que ser corpo não é estar atrelado ao espaço e ao mundo de modo geral, pois o corpo não está no espaço, ele é no espaço. Quando ocorre o adoecimento, frequentemente é possível ouvir relatos de um certo estranhamento em relação ao corpo. Isso acontece porque a espacialidade objetiva não é suficiente quando entra em cena uma extensão subjetiva. Extensão essa, impensável no corpo proposto para abrigar a IA.

O corpo próprio realiza movimentos constantes e incessantes de diástole (abertura) e sístole (fechamento), conforme escreve Merleau-Ponty:

Mas, justamente porque pode fechar-se ao mundo, meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação. O movimento da existência em direção ao outro, em direção ao futuro, em direção ao mundo pode recomeçar, assim como um rio degela. O doente recuperará



sua voz, não por um esforço intelectual ou por um decreto abstrato da vontade, mas por uma conversão na qual todo o seu corpo se concentra. [...] (Merleau-Ponty, 2018, p. 228)

## **Considerações finais**

A problemática em torno de dar à IA um corpo está intimamente relacionada à objetificação do corpo e, mais ainda, a negação do corpo na condição de sujeito. Ao tratar da síntese do corpo próprio, Merleau-Ponty encerra esse capítulo da seguinte forma:

Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. Por vezes forma-se um novo nó de significações: nossos movimentos antigos integram-se a uma nova entidade motora, os primeiros dados da visão a uma nova entidade sensorial, repentinamente nossos poderes naturais vão ao encontro de uma significação mais rica que até então estava apenas indicada em nosso campo perceptivo ou prático, só se anunciava em nossa experiência por uma certa falta, e cujo advento reorganiza subitamente nosso equilíbrio e preenche nossa expectativa cega. (Merleau-Ponty, 2018, p. 212)

O filósofo deixa bem claro a interação entre o meio e o corpo, espécie de funcionamento em comunhão, o que nos faz questionar a possibilidade de a programação computacional chegar a esse nível. Outro ponto importante referenciado por ele, diz respeito à metafísica do corpo, a saber, ele é ao mesmo tempo objeto para o outro e sujeito para mim, possuindo uma unidade distinta daquela do objeto científico, mesmo quando o tomamos com vistas a pesquisar o seu funcionamento. O corpo próprio possui intencionalidade e poder de significação. Ademais, o corpo é o condutor do ser no mundo, e por isso, retomamos que “ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e

empenhar-se continuamente neles.” (Merleau-Ponty, 2018, p. 122)

Será que ao darem corpo à IA, ela conseguirá fazer uma interação espontânea com o seu entorno e até mesmo com o seu programador? Na concepção merleau-pontyanas:

Ver-se-á que o corpo próprio se furta, na própria ciência, ao tratamento que a ele se quer impor. E, como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam ao seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido. (Merleau-Ponty, 2018, p. 110)

Nessa perspectiva, cabe indagarmos se mesmo com a evolução da IA com o invólucro corporal na interação com o meio, será plausível atribuir a ela a intencionalidade, a espontaneidade, a identidade e a ética? Indo nessa direção, vale também a reflexão concernente a inexequibilidade quanto à liberdade e autonomia, requisitos imprescindíveis ao corpo-sujeito na condição de fazer ato político, uma vez que “...o anonimato de nosso corpo é inseparavelmente liberdade e servidão”. (Merleau-Ponty, 2018, p. 126)

Além disso, o corpo próprio tem o papel de simbolizar a existência e isso só é possível porque ele a realiza e é sua atualidade. Ao se apropriar do espaço, dos objetos ou de qualquer instrumento para com eles entrar em comunhão, ele transforma as ideias em coisas, colocando tudo em movimento. O contrário acontece no adoecimento, pois há uma paralização no circuito que deve ser fluido e que conecta o passado, o presente vivo e a propulsão ao futuro. O doente perde a capacidade de entrar em comunicação com os outros e com o seu meio, encontrando-se preso a um ou mais sintomas corporais.

Nesse sentido, o corpo passa a ser simplesmente retiro para a vida. Poderíamos inclusive ir um pouco mais além com a inferência de que no adoecimento a vida sai de cena e se retira de fato nos escondedouros do corpo que está cindido no dualismo cartesiano que separa a substância extensa (res extensa) da substância pensante (res cogitans). A proposta de dar corpo à IA parece seguir essa vertente, isto é, a de servir de escaninho mesmo com a pretensão de aprimorar a evolução do sistema. É um corpo a serviço da IA, um corpo que não interage e vai na via contrária àquela defendida por Merleau-Ponty a partir da trajetória conceitual do corpo próprio.

Entretanto, não é preciso ser o envoltório de uma IA para estar na posição de heteronomia. Existem corpos errantes vida a fora, corpos desgarrados de sua alma, seja por estarem presos ao adoecimento como marca dessa cisão, seja pela total coibição de se conectarem ao outro e ao mundo e, com isso, desapropriados de seu corpo-sujeito e desapossados de seu desejo, ficam vagando pelo mundo. Fazer do corpo-sujeito um ato político, significa poder adentrar nesse mesmo mundo com o qual se faz comunhão e sincronia, transformando sua inserção em um ato político na medida que respeita a própria autonomia e a liberdade como características fundamentais na trilha de uma subjetividade saudável.

## Referências

AGUILERA, M., Bedia, M.G. *Adaptation to criticality through organizational invariance in embodied agents*. Sci Rep 8, 7723 (2018). <https://doi.org/10.1038/s41598-018-25925-4>

ANDRADE, Eloisa Benvenuti. *Intencionalidade e estrutura: Merleau-Ponty e a relação entre sujeito e mundo vivido da experiência*. Revista Paranaense de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 260-278, Jul/Dez, 2021. ISSN: 2763-96570

ANSCOMBE, G. E. M. (Gertrude Elizabeth Margaret) *Intenção* / G. E. M. Anscombe; tradução: Anderson Luis Nakano; revisão técnica:

Beatriz Sorrentino Marques. -- São Paulo: Associação Filosófica Scientiæ Studia, p. 172, 2023.

CAMARGO, Jeovane. *Natureza e corpo na segunda fase de Merleau-Ponty*. Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 28, n. 56, mai. - ago. 2021. ISSN 1983-2109.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *O Distante-próximo e o próximo-distante: Corpo e Percepção na Filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira, SILVA, Marcos Érico de Araújo (organizadores). *Percepção, corpo e subjetividade*. São Paulo: LiberArs, 2013.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *Percepção, paisagem e linguagem em Merleau-Ponty*. Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VIII, n. 1, p. 119-129, jan-jun. 2015. ISSN 1984-5561.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. (Coleção 10 lições).

CHEN, Boyuan et al. *Smile like you mean it: Driving animatronic robotic face with learned models*. In: 2021 IEEE International Conference on Robotics and Automation (ICRA). IEEE, 2021. p. 2739-2746.

CHEN, B., VONDRICK, C. & LIPSON, H. *Visual behavior modelling for robotic theory of mind*. Sci Rep 11, 424 (2021). <https://doi.org/10.1038/s41598-020-77918-x>

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Clássicos)

DUPOND, Pascal. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. (1ª ed.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FARAJ Z, SELAMET M, MORALES C, TORRES P, HOSSAIN M, CHEN B, et al. *Facially expressive humanoid robotic face*. Zenodo; 2020.

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução de Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MELANI, Ricardo. *O corpo na filosofia*. São Paulo: Moderna, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Filô)

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A união da alma e do corpo em Malebranche, Biran e Bergson*. Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Filô)

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. (Tópicos)

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MUNICH, Mario & OSTROWSKI, Jim & PIRJANIAN, Paolo. (2018). *Integration for Complex Consumer Robotic Systems: Case Studies and Analysis*. 10.1201/9781315221229-20.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty*. Estudos de Psicologia, Rio Grande do Norte, 13(2), p. 141-148, 2008. Disponível em: [scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/?format=pdf&lang=pt](http://scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/?format=pdf&lang=pt)

PRASSLER, Erwin & MUNICH, Mario & PIRJANIAN, Paolo & KOSUGE, Kazuhiro. (2016). *Domestic Robotics*. 1729-1758. 10.1007/978-3-319-32552-1\_65.

Site inovação tecnológica. Robô evolucionário aprende a andar alterando o próprio corpo. 25/01/2011. Online. Disponível em [www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=rob-o-evolucionario-robotica-evolucionaria](http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=rob-o-evolucionario-robotica-evolucionaria). Capturado em 17/01/2024.

SCARPA, Mariana Cabral Tomzhinsky. *Intencionalidade: Merleau-Ponty e Barbaras*. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 25, n. 2, p. 148-155, ago. 2019. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1)

809-68672019000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 abr. 2024. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25n2.5>

**(Submissão: 19/01/24 Aceite: 07/05/24)**